

# Profissionais de Saúde dos Açores condecorados pelo Presidente da República

Os profissionais de saúde dos Açores, através do Serviço Regional de Saúde, vão ser condecorados pelo Presidente da República nas comemorações do próximo Dia de Portugal, 10 de Junho.

A cerimónia nos Açores, promovida pelo Representante da República, terá lugar pelas 10H30 na Praça Velha, na ilha Terceira, defronte dos Paços do Concelho e consistirá no hastear da Bandeira Nacional, da Bandeira da Região Autónoma dos Açores e da Bandeira da União Europeia.

As bandeiras serão hasteadas ao som dos respectivos hinos, interpretados pela Filarmónica Recreio de Santa Bárbara.

Seguir-se-á uma alocução pelo Representante da República sobre a data que se evoca e sobre o momento trágico que se vive na Europa, com a guerra na Ucrânia, razão pela qual estará presente como convidada uma representação da comunidade ucraniana na ilha Terceira.

Irão ser agraciados por delegação do Presidente da República, em sessão a ter lugar no Solar da Madre de Deus, após a cerimónia militar, as seguintes entidades:

O Serviço Regional da Saúde, sim-



bolicamente representando todo o pessoal que presta serviço nos hospitais e unidades de saúde, nomeadamente, médicos, enfermeiros, técnicos de diagnóstico e terapêutica e técnicos superiores, administrativos e auxiliares, pela forma exemplar e extraordinária dedicação à população dos Açores, que permitiu não só aliviar os efeitos da pandemia, mas igualmente manter a

tranquilidade social e o normal funcionamento da sociedade.

## Santa Casa da Misericórdia da Horta também condecorada

A Santa Casa da Misericórdia da Horta, fundada entre 1520 e 1522, perfazendo 500 anos de atividade no campo da solidariedade social, assegurando assistência a uma população com significativas carências, contribuindo para a promoção de condições mínimas de dignidade humana.

## Médico Rego Costa agraciado

Francisco Pacheco Rêgo Costa, de 80 anos de idade, médico especialista em cirurgia geral, que tem exercido a sua actividade profissional na ilha de São Miguel, assumindo um papel muito relevante na instalação do Hospital do Divino Espírito Santo em Ponta Delgada. Para além de ser um clínico de elevada reputação e impecável folha de serviços, distinguiu-se pela participação cívica na vida da Região e da sua ilha, tendo nomeadamente sido membro da Assembleia Municipal de Ponta Delgada e seu Presidente de 2013 a 2021.

## Médico Brito de Azevedo agraciado

Luís António Vieira Brito de Azevedo, de 76 anos de idade, médico especialista em Saúde Pública, que tem exercido a sua actividade profissional na ilha Terceira. Muito estimado pela população, sobretudo por aquela mais carenciada, à qual nunca negou os seus serviços, muitas vezes sem qualquer retribuição, exercendo ainda de forma desinteressada o seu múnus profissional em várias instituições, como sejam a Polícia de Segurança Pública, o Regimento de Guarnição n.º 1 e o Centro de Oncologia dos Açores, entre outras. A sua atividade estendeu-se também a uma participação política apreciada e respeitada por todos os sectores, tendo sido deputado à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, na V Legislatura.

O Serviço Regional de Saúde e a Santa Casa da Misericórdia da Horta serão agraciados com a Ordem de Mérito – Membro Honorário e os Drs. Francisco Pacheco Rêgo Costa e Luís António Vieira Brito de Azevedo serão agraciados com a Ordem de Mérito – Comendador.



Eduardo Bettencourt Pinto

Terça-feira, 17 de Maio de 2022

A notícia chega, arrasadora: o Norberto Ávila.

«Morreu o nosso Norberto Ávila sem nos dizer nada» escreveu Chrys Chrystelo no e-mail. Bateu uma porta, longe, e fez eco aqui.

Quem parte deixa recordações, ou nódoas.

Um dia, em conversa amena e com o seu sotaque estrangeirado, o Norberto disse:

«Lisboa é uma cidade quente, e há dias que são insuportáveis. Mas consigo manter a casa fresca apesar de não ter ar-condicionado. Pela manhã abro as janelas e antes que o calor aperte fecho-as e corro as cortinas. Faço isso há anos e olha que dá resultado.»

Ia fazer 86 anos em Setembro. A última vez que o vi foi na Graciosa.

Era um homem pequeno mas da altura de uma árvore. Rumorejava como naquelas tardes de Setembro quando a brisa ilumina as figueiras da ilha. Chegava aos lugares com a sua postura silenciosa, a roupa de sempre, os sapatos brilhantes, ainda da intensa luz de Lisboa. Via-se, pelo traje, que eram modestos os seus recursos. A sua dignidade, porém, surpreendia a inflexiva natureza destes tempos – crus, olvidáveis e egoístas.

Os livros que escreveu eram os seus filhos. Podia ser uma amendoeira em flor, ou a cor branca e iluminada de uma palavra, a preposição certa, o verbo, o adjetivo tão perto do mar. Quando falava dos seus livros não era como se atirasse um cartão-de-visita, tipo sou escritor, olhe para mim. Sou importante. O Norberto não era assim.

Fazia-me lembrar a límpida humildade de Emanuel Félix, enormíssimo poeta, e, no entanto, um menino com a sua pureza imaculada. Dá gosto pessoas assim. Entram pelos salões nobres a pedir desculpa com a timidez dos inocentes. Para eles, o mundo não é um palco de ostentações.

Se olhasses o Norberto Ávila nos olhos descobrias uma casa triste, uma ilha a bailar no centro de uma onda, um peixe melancólico num aquário inverossí-

mil.

O Norberto esteve neste mundo sem perder a noção do seu lugar na órbita calma dos seus dias, e sem ofender a ordem das coisas iluminadas.

Um dia triste, este, apesar do sol. Chegou hoje aos tropeções e acabou de chofre na terra, húmida ainda das últimas chuvas.

\*\*\*

Pela tarde saí de bicicleta e com duas máquinas fotográficas. O pneu de trás tinha um furo e lá tive que remendar a câmara de ar. Já tive mais paciência para este tipo de coisas.

Fui em direção ao rio. Muita gente a fazer *jogging*. Alguns de bicicleta. Outros num passo de quem observa a exangue dança da luz.

Sob estas árvores encontro um caminho para o mistério. De cada lado do trilho abunda caótica vegetação. Esquilos, sobretudo, cauda no ar, correm numa vertigem, intrépidos, pelos altos ramos.

Desmonto e coloco a bicicleta de modo a não obstruir a passagem. Tiro uma fotografia ao silêncio, quebrado por tiras de luz doirada.

Quando alcanço céu aberto, e do meu lado direito, avisto o aeroporto de Pitt Meadows. Do lado esquerdo, Fraser, o rio. Permanece, quase sempre, adormecido. Alonga-se num sono escuro, letárgico.

No ano passado, no alto fulgor de Julho, encontrei um lago na ilha de Salt Spring. A geografia, tortuosa, sinuosa, é perigosa para quem se desloca em duas rodas. Exige pernas de aço e muita cautela. Os turistas andam sempre apressados para chegar ao aborrecimento. O lago, naquele dia quente, era um oásis de água. Aquele espelho azul, apelativo, chamava por mim. Mergulhei, mesmo com a pele aos gritos, nas suas frígidas águas. Valeu a pena.

O Fraser, no contexto desta paisagem, invoca melancolia. Nem sequer me apetece molhar os pés. Observo as ruínas da luz sobre a imensa desolação da água. Regresso à bicicleta e vou-me embora.

## Um lugar para dizer adeus